

peteleco



no. 7

04 - 19 entrevista com marizinha e
mazu pardal

*rafa, bella kacelnikas, vanessa cristina, andré
gustavo*

20 - 27 grupo requião
pequenos territórios

matheus matos

28 - 35 conheça um artista
gabriel gas

chamada aberta

registro de intervenção urbana

36 - 59

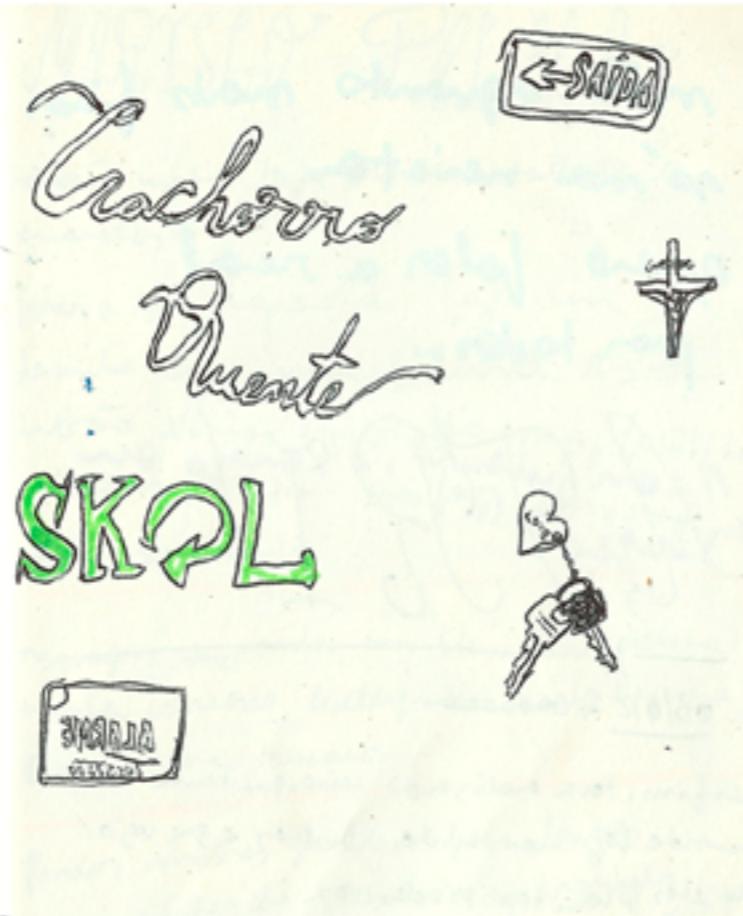
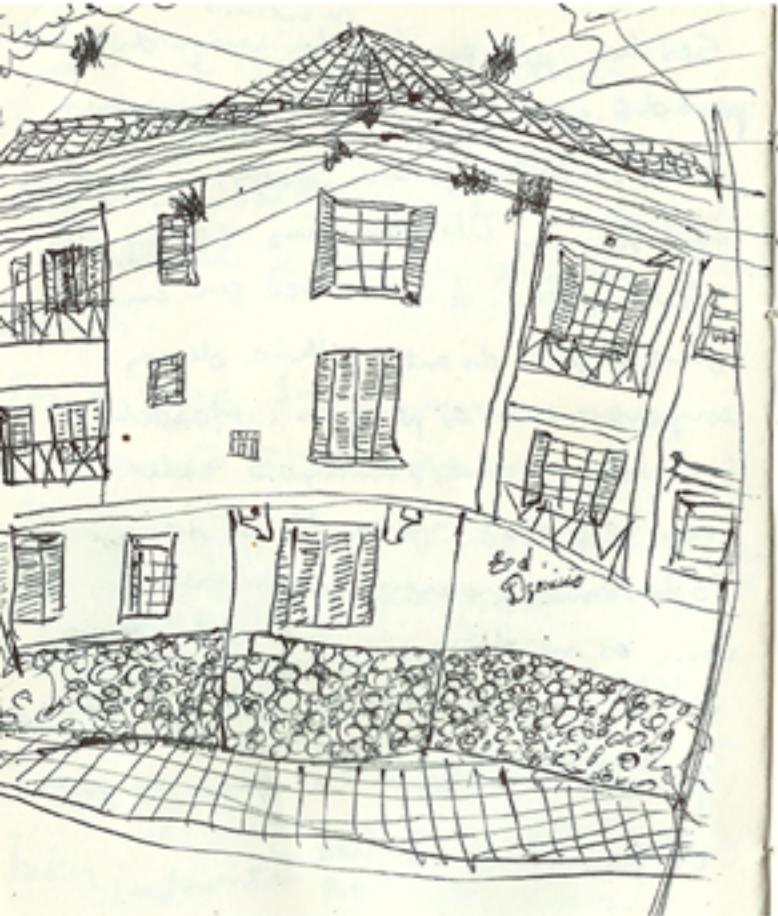
coluna recomenda
podcasts, músicas, textos, cinema e artes

60 - 66

PETeleco. Aqui tudo começou
com o grupo PET ARTES
VISUAIS sob tutoria de Gilberto
Sarkis Yunes em 1995, que
iniciam o peteleco como um
mini jornal, que trazia notícias
do curso, convites para eventos
e também novidades referentes
ao programa PET - Programa de
Educação Tutorial. Agora, damos
continuidade ao projeto em
formato de revista, chegamos na
nossa sétima edição digital no
web-lugar onde tudo e todos se
conectam.

Pelas telas brilhosas dos
computadores, celulares,
televisores, tablets, leitores de
pdf e demais transmissores da
rede universal de computadores,
viemos te dar esse peteleco.
Então, se liga! Não deixe sua
bateria acabar.

UMA CONVERSA COM MARIZINHA E



dionisio. marizinha

maria felipa, a heroína de itaparica (Bahia)
na igreja cabeluda. mazu.
Pelotas 2018



MAZU SOBRE PRODUÇÃO E PROCESSOS

POR RAFA, BELLA, VANESSA
CRISTINA E ANDRÉ GUSTAVO

RAFA - Só queria agradecer a vocês, por estarem aqui conversando com a gente e também, pensar a revista, que a gente tem feito sempre pensando em assuntos centrais. Essa revista é sobre intervenção urbana, um pouco de arte de rua e essa relação com o externo. A gente pensou em vocês como pessoas que estão ativas na rua ou já estiveram ativas nas ruas aqui em Pelotas, ou tem alguma relação, por nós conhecermos o trabalho de vocês, e por isso queríamos ouvi-las. Sejam bem-vindas!

VANESSA - A gente tá bem feliz que vocês toparam e vai ser muito legal ouvir, as visões e concepções sobre o trabalho de vocês.

BELLA - Como a gente falou, vamos tentar trazer esse lugar da rua e do território, mas se vocês quiserem falar mais sobre a individualidade e os processos de produção de vocês, que fujam desse assunto, também tá super dentro, porque a gente quer saber como as coisas atravessam vocês e chegam na rua né! Então queremos agradecer, que vocês estão aqui e pedir pra se apresentarem: Quem é Mazu? Quem é Mariana Mazzetti? Onde moram e o que fazem?

MAZU - Eu sou Mariane Simões, apelido Mazu, meu nome artístico. Eu me formei em 2020, em Bacharel Artes Visuais e, durante toda a minha graduação estive desenvolvendo um projeto de arte de rua e história de mulheres. Então eu vou estar apresentando um pouco mais sobre o projeto, que é o “Profanando e Resistindo” que esteve bem atuante em Pelotas, mas a gente também encontra intervenções e registros em outras cidades do Rio Grande do Sul, então é bem interessante de pensar também, esse deslocamento e essa ponte, entre o registro e a rua né! O projeto esteve em toda a minha graduação e eu fiquei um pouco parada durante a pandemia né! E o que fazer depois de se formar, teve todos esses conflitos, e é isso gente!

MARIZINHA - Meu nome é Mariana Mazzetti, eu nasci em Pelotas e moro em Pelotas a minha vida toda acho que diferente da Mari, minha produção não tem uma ligação direta de se expor na rua, mas de colocar coisas da rua na minha produção, sabe? Tanto experiências e imagens, quanto objetos.

BELLA - A gente quer que vocês falem um pouco mais sobre o trabalho de vocês: qual a relação de vocês com a rua e como vocês enxergam esse lugar como um campo de trabalho, potencialidades e atravessamentos?

MAZU - Eu vou focar mais no “Profanando e Resistindo”, porque eu como artista comecei a explorar o espaço urbano da rua com esse projeto. Depois houveram outras, mas o foco vai ser esse projeto por conta da minha pesquisa no tcc, que também é voltado pra este projeto. Então, primeiro eu identifiquei a rua como um espaço de acessibilidade à arte. Foram várias coisas que eu juntei na rua, a questão da acessibilidade da arte, as pessoas estarem vendo aquilo por ser um espaço



público e pensar as mulheres nos espaços urbanos. Ainda mais quando pensamos em Pelotas, que a mais de cem anos atrás as mulheres estavam na rua, elas tinham essa permissão, e depois, também, o conteúdo que eu levo nos lambe-lambes, que são imagens de mulheres para desconstruir a romantização da história da arte, da mulher representada por artistas homens. Então foi basicamente tudo isso junto para expor na rua como forma de desabafo e revolta, por ser artista mulher. E aí tem a referência das Guerrillas Girls, que expõem exatamente isso, a imagem da mulher na história da arte, e esse foi o meu movimento para pensar a rua e o espaço urbano.

MARIZINHA - Meu trabalho gira bastante em torno de espaço. Nem sempre necessariamente no espaço da rua, mas ultimamente tem abrangido bastante a privação desse contato, que é algo que mexeu com todo mundo. Mas eu também penso muito sobre a acessibilidade do público na rua. Trabalhei com performance um bom tempo buscando esse contato e hoje em dia, eu tenho buscado representar coisas da rua em ilustrações, até para trazer algo mais leve, que eu tenho buscado assimilar em meus trânsitos. Em geral, a temática da rua é mais nesse sentido.



ilustração. marizinha

lambe-lambe Carolina Maria de Jesus no bairro Dunas. mazu. Pelotas-RS 2019

VANESSA - Vamos seguir então, as meninas arrasaram! Eu vou fazer a próxima pergunta. Eu estudo gênero, estou envolvida no Caixa de Pandora, e a pergunta tem esse enfoque, é para questionar vocês, se percebem a questão de gênero (sexista e machista) como um desafio ou impedimento para o trabalho de vocês?

MAZU - É bem desafiador, porque mesmo fora do contexto artístico, dos nossos corpos estarem nas ruas, a gente já encontra isso! Assim como um desafio de identificar esse espaço como algo perigoso, o medo de estar sozinhas, pelo menos pra mim, fora do contexto artístico, esse espaço me parece hostil dependendo do lugar e tudo mais. Então, quando você vai se colocar ali para propor e intervir nesse espaço, parece ter esses desafios e é interessante, né, um contraste! A gente se coloca naquele lugar, se expõe ou faz uma performance ali para justamente estar se colocando e se impondo naquele espaço: "Esse espaço também me pertence!" "Eu quero me sentir segura nesse espaço!" "Eu quero esse espaço para mim!". Reivindicar esse espaço, como muitas vezes a gente se sente imposta e com medo, eu pelo menos quando faço uma intervenção, isso se reflete também.

MARIZINHA - Com certeza é um impedimento ser mulher em questão de rua! Há muitos eventos de grafite, que tem uma mulher sendo questionada, sabe? Para além do grafite. Eu não faço grafite, mas eu sinto isso. No meu trabalho de ilustração eu tento trazer o ponto de vista de uma mulher, que está no lugar onde "não deveria"! Por exemplo, quando eu vou de bicicleta a uma festa e volto sozinha à noite, as pessoas ficam chocadas e por quê será, né? Então, eu tento trazer essas coisas, que eu vejo como se fossem uma fotografia do meu olho. Embora não fale sobre isso diretamente, é como se de alguma forma eu estivesse ali, sabe? Quando tu pixa, é como se você marcasse aquele território, né, e eu como mulher, digo que esse lugar também é meu!

RAFA - Agora ouvindo você falando eu lembrei da nossa entrevista com a Alice Porto, na Peteleco N5, e ela fala nessa tomada de território em Pelotas pelo pixo das meninas na rua! Como ela se sentia mais a vontade de estar naquele lugar, em que esse processo aconteceu.

MARIZINHA - Pois é! É como se às vezes, por ser um pixo de mulher ou não ter aquela caligrafia da rua, tipo existem regras e parecem que não te levam a sério ou não te ensinam o "certo", porque não querem que tu compita naquele espaço. Ficam te zoando, mas não te ajudam! Eu gostaria muito de fazer um mural, mas eu não quero gastar dinheiro com spray, porque eu não saberia como usar. E eu fico meio assim de pedir ajuda, e eu vou deixando. Até que surja um movimento de meninas.

BELLA - Pior que é tudo muito hostil mesmo! Estar na rua, estar naquele lugar. É estranho! A galera te acha estranha e você sabe que não é seguro. As pessoas te desconvidam a estar.

MAZU - É porque, se acontece algo com você na rua, a culpa é sua, entendeu? É sempre isso! Por isso parece que esse espaço não é pra nós. Dependendo do horário e sua roupa, é como se você tivesse pedido por isso. É muito antigo, mas é mais atual que nunca essa fala, esse pensamento, esse paradigma da mulher e da rua, e você estar nesse espaço.

MARIZINHA - Eu vi vários registros de pixos, que eu tiro das paredes, e eu lembrei do motivo de eu querer pixar, porque eu via muito pixo nazista e muito pixo tipo "Mate as Mulheres". E eu tinha vontade de ir lá e pixar por cima! Então, eu fiz vídeos ensinando a fazer canetão nessa intenção de que alguém fosse lá e, sabe? Intervisso naquilo, porque aquilo tá na rua e passa uma mensagem para alguém, sabe?

GUSTAVO - A próxima pergunta tem relação com isso. Vocês usam o trabalho de vocês e a rua como um suporte para discutir essas questões também? As pessoas da rua são o público alvo dessas mensagens?

MAZU - Eu acho que é difícil! Uma parte pode se sentir tocada e outra passar despercebida, porque na rua há muita informação também. E aí é interessante, porque quem se sentir tocado por aquilo, vai sentir alguma reflexão ou vai olhar aquilo e ver uma mulher, né! O que vai pensar? Independente de qualquer coisa, se ele parar e pensar "Quem é essa mulher?" ou pesquisar quem é ela, já é alguma coisa, que pelo menos com meu projeto é o que eu tento levar. Eu acho, que eu gosto de pensar esse espaço da rua, se ele é o ideal, porque ele pode atingir vários transeuntes, pessoas de várias classes, pessoas aleatórias, né, e é isso! Eu gosto de pensar os bairros, variar as localidades, colocar perto de escolas, etc.

MARIZINHA - No meu caso, como eu não tenho feito mais performances e nem produzido coisas diretamente na rua, mas pra retratar a rua, meio que capturando a rua pra dentro, eu não sei muito. Quando eu fazia performance a questão era essa: fazer as pessoas terem uma curiosidade! Não só causar a reflexão, mas eu sentir que estou conversando com alguém. Pra mim, uma coisa que me agonia muito é essa coisa de só no Instagram mostrar o seu trabalho e esperar alguém dar uma curtida. E você não sabe o que a pessoa acha, isso é muito superficial pra mim! Às vezes você demora um baita tempo pra fazer uma coisa, tenta várias coisas e não gera um diálogo, sabe? Pra mim isso é um trabalho morto.

VANESSA - Tudo isso que a gente tá conversando aqui me faz pensar em algo muito vivencial, né! Vocês já relataram algumas coisas, mas eu fiquei curiosa pra saber se vocês já viram alguma resposta ao trabalho de vocês? Se já rolou alguma situação e que vocês contassem sobre.

MAZU - Uma vez eu coleei a fotografia de uma performance em um lambe-lambe e a fotografia era uma mulher vestida, um corpo vestido que só mostrava da cintura pra baixo. Não tava nu nem nada, mas focava no ventre desse corpo. E uma pessoa veio, parece que com uma pedra ou uma faca, e riscou repetidamente aquele órgão como se fosse uma agressão mesmo ao corpo. Disso dá pra tirar várias reflexões e pode ser bem significativa, né! As imagens que eu sinto que são mais hostilizadas são de corpos nus! É interessante pensar a imagem da mulher no "Profanando e Resistindo", que é justamente essa desconstrução da imagem da mulher, e são mulheres reais, de luta, que possuem toda uma história de resistência. Mas as pessoas muitas vezes olham e falam "Nossa que mulher feia!", porque elas estão esperando, naquela imagem, uma imagem publicitária, aquela mulher da propaganda de cerveja, a mulher modelo mesmo, com "aquele corpo". Mas a ideia é outra mesmo, é estar desconstruindo essa mulher! Muitas vezes são atitudes de pessoas que a gente não conhece, que passam na rua, e às vezes comentam "Nossa que mulher feia!". E quando eu presencio isso, eu entro também, quando dá, pra fazer mediação. É interessante isso de ficar conversando e trocando essa ideia com as pessoas, sobre a imagem que elas tão vendo lá.



montado sem cor. marizinha

MARIZINHA - Uma vez a gente fez uma performance, pra cobrir um fusca, que era todo vermelho e escrito “Intervenção militar já!”, e pra evitar justamente que alguém nos impedisse de fazer aquilo, nos vestimos todas de roupa do Brasil, para tentar contrastar. Esse fusca todo de vermelho, que queria intervenção militar e nós de roupa do Brasil, que não queríamos intervenção militar! Fizemos aquilo de forma tão teatral, que os policiais que estavam ali na frente vieram nos perguntar se aquilo era um protesto. E é desse jeito, a gente pode escolher bater de frente ou entrar na onda, né? A gente se diverte e atinge, dialoga melhor às vezes.

BELLA - Eu só queria comentar, mais uma vez, sobre como isso é hostil, né! Às vezes você vai colar um pôster de um show e ninguém vai falar nada, mas se você coloca

qualquer coisa sobre reflexão, mesmo que não seja explícito, vão reclamar!

VANESSA - Sim! E, também, o corpo, né! Como a Mazu falou dos corpos das mulheres, que corpo vão aceitar? E é totalmente relacionado a essa coisa propagandista.

BELLA - Nas poucas vezes que eu coloquei algo na rua, porque eu sou/me sinto muito insegura de ir sozinha, eu sempre preciso fazer esse corre de chamar alguém pra me acompanhar. Às vezes mesmo sem estar no trabalho comigo e eu peço “Alguém vem comigo?”. Eu tenho medo de estar sozinha na rua. Vai que um louco me bate, né? Enfim, nesses processos todos eu senti rapidamente a rejeição, sabe? Em trabalhos mais coloridos ou que tivessem mais haver com uma expressão minha da visualidade, eu percebo

que ficaram mais tempo e ninguém mexeu, mas os que tinham alguma reflexão ou algum desenho, que não parecesse um pôster ou uma propaganda, logo em seguida apareciam rasgados ou riscados!

GUSTAVO - Até mesmo pixo, tinta, que as pessoas fazem questão de cobrir! Coisas que não tem nada a ver! Tem uma mina no meu bairro que pixa “El Moça” e uma rosa, e as pessoas riscam em cima com spray, um x! Literalmente qualquer coisa.

MARIZINHA - Ou então têm os donos das casas, que pintam em cima do pixo, e mesmo que continue aparecendo por baixo da tinta, não deixam de cobrir, porque não querem aquela marca ali!

RAFA - Como foi chegar no trabalho urbano e como foi chegar nesse espaço de arte pra vocês? Isso foi uma escolha? E como vocês enxergam isso? Se de repente vocês chegaram nesse lugar assim e, como vocês já disseram um pouco, como vocês procuraram essa comunicação com outras pessoas? Como foi para vocês?



processo de montagem do lambe-lambe Ana Cristina Cesar, mazu. 2017

MAZU - Inicialmente, identificar o espaço 11 urbano como esse suporte pra eu estar expondo e estar fazendo intervenções, foi negar o espaço da galeria. Esse cubo branco! E buscar outros espaços, espaços alternativos, porque eu não me sentia parte desse espaço! Parecia que ia ser impossível expor numa galeria e etc, eu pensava. Porque meu trampo não se identificava com aquele espaço e, por isso, comecei a fazer intervenções urbanas e pensar só esse espaço da rua. Fazer o registro dessa intervenção e a forma de expor ele pra outros, era levar pra um blogue, levando do espaço da rua para o cyberespaço. Então, foi como se fosse uma adaptação, eu como artista me adaptando a esse universo. Eu como artista entrando no espaço da faculdade, me deparei com o “Você tem que fazer algo e expor” e eu pensei: como que eu vou produzir e expor? Eu não quero fazer nada disso! E busquei outras ideias pensando o baixo custo e a acessibilidade. Quem tá vendo aquilo? Quem vai chegar até aquilo? E as respostas, que eu fui encontrando, foi estar buscando essas coisas no espaço público.

MARIZINHA - Como eu falei no início, acho que meu trampo tem girado em torno de espaços. Mais uma questão de precisar absorver aquilo, pra me sentir presente ali, pra eu sentir que eu não tô sendo engolida por aquilo ali. E comecei a produzir sobre espaço interno primeiro, sobre casa, sobre quarto, sobre coisas interiores. E aí chegou um ponto que eu precisava falar... Me sentir... Sabe quando tu vai na rua, e tu vê um monte de gente, e tu não fala com ninguém e parece que tu nem tá ali, sabe? Acho que tem muito disso, dessas coisas de coletar coisas da rua e registrar coisas da rua. É uma busca por estar presente, por me sentir presente!

GUSTAVO - E você acha que esse desejo vem com o isolamento ou ele já existia antes? E depois desse processo de pandemia você sente que isso se intensificou? Essa necessidade de citar o urbano, estar dentro do urbano.

MARIZINHA - Na verdade, antes da pandemia, nos meus trabalhos de pintura e desenho, eu falava bastante sobre esse interno. E teve um momento que eu não tava produzindo muito e eu tava saindo muito. Tava aproveitando muito o momento de querer sair, de querer encontrar as pessoas, querer conversar. E aí de repente começou tudo isso e eu me vi assim, meu deus! O que eu vou fazer agora, sabe? Me senti muito deslocada, perdida, isolada! E como não tinha o que fazer, eu comecei a tentar criar, ter um domínio de uma coisa que não tenha domínio. Sentir que eu tenho um pouco de controle de uma coisa que é descontrolada. De repente veio isso e obrigou todo mundo a estar numa situação que ninguém queria, mas não tinha escolha. Então é uma forma de, também, escapar da realidade, de tentar me divertir! Eu tenho tentado criar imagens que as pessoas possam olhar por um tempo e não só passar, sabe? Que possam parar os olhos e procurar coisas, adentrar naquilo! Meio que uma diversão! Uma referência muito forte pra mim agora é aquele livro "Onde está Wally?", que é um joguinho de ficar

olhando e procurando personagens. Isso não só pro espectador, mas pra mim criar uma coisa grande e demorada. Me ajuda a manter uma paz interior. Isso é meio clichê de se falar, mas é meio que isso. Na falta da rua, tentar representar a rua. Começar a olhar registros de quando eu saía pra rua e pensar "Nossa! Eu não valorizava isso e tem algo aqui, sabe?". Esse foi um processo bem importante da pandemia, de eu conseguir estruturar meu processo e conseguir me virar pra fazer coisas maiores. E eu não teria isso se não tivesse parado de sair todo dia.

MAZU - Então, eu tive muitas crises com tudo. Assim que eu me formei, fui morar numa cidade, que eu não conhecia nada, nada, nada e veio a pandemia! Então eu fiquei super isolada e, realmente, não saí de casa. Eu ficava tentando sair do buraco, que eu tinha entrado e precisava voltar a produzir, mas com a pandemia tava tudo muito confuso na minha cabeça. Aí eu fiquei produzindo coisas mais digitais. Eu acabei não saindo tanto pra fazer intervenção. Eu tô com alguns projetos agora e to tentando, assim né, nesse resgate, de voltar. Mas pra mim foi um processo muito down a pandemia. Agora que eu tô voltando a produzir novamente na rua. Como um respiro, também, a tudo isso.

RAFA - Em algum momento vocês já fizeram intervenções e outras ações fora de Pelotas? E como foi essa outra vivência? Se tem uma diferença? Você encontram diferenças em cidades ou espaços e como isso funciona no trabalho de vocês, também?

MAZU - Legal. Uma vez eu inscrevi o "Profanando e Resistindo", porque eu também dou oficina de lambe-lambe com histórias de mulheres com um projeto. Aí eu inscrevi essas oficinas e consegui um edital, que financiava pra levar o projeto pra outras cidades. Aí eu consegui levar pro norte do RS, em Passo Fundo, e em Rio Grande, também! E fiz, também, como contrapartida uma oficina em Pelotas e foi

bem interessante a reverberação dessas mulheres, porque foram as mesmas imagens nesses três lugares. E, depois, eu encontrava pessoas, que tinham passado por Passo Fundo e tinham visto elas, e, depois, passando por Rio Grande ou Pelotas, viam também e conseguiam identificar. E aí é legal quando rola essa identificação. E, uma vez, também, a proposta da disciplina de gravura era com o resultado do seu projeto, você levar e fazer uma exposição em Chapecó, se eu não me engano. E como essa ideia sempre é estar levando intervenções urbanas, eu fiquei "Nossa o que eu vou levar? Eu não tenho como ir pra lá pra fazer a intervenção". Aí foi tipo uma proposição, ficou na galeria e, atrás, instruções pra aquilo ser colado na cidade. Aí foi bem legal, porque colaram e, depois, tiraram foto e me mandaram, porque conseguiram identificar, porque eu também coloco o link do projeto! E se aquela pessoa ver e procurar o link, ela vai ver, que aqueles lambes, estão colados em vários lugares. E eu sigo com essa vontade, agora eu tô no interior de São Paulo, então de Pelotas, elas vão começar a subir e se espalhar, assim espero. também coloco o link do projeto! E se aquela pessoa ver e procurar o link, ela vai ver, que aqueles lambes, estão colados em vários lugares. E eu sigo com essa vontade, agora eu tô no interior de São Paulo, então de Pelotas, elas vão começar a subir e se espalhar, assim espero.

MARIZINHA - Como eu morei toda a vida em Pelotas, eu gostaria muito de sair daqui um dia. Mas, pela faculdade, eu tive a oportunidade de visitar amigos, que eu fiz na faculdade, em outras cidades, capitais e cidades enormes. Foi um choque bem grande o jeito que a rua funciona em uma cidade maior. É bem diferente do que é aqui. E isso eu já sabia, mas é diferente vivenciar, né! E as minhas experiências, em cidades grandes, foi ver outros artistas e me sentir muito inspirada, e me senti uma formiguinha em vários sentidos. E isso é

muito bom! Isso restaura a nossa vontade de produzir! Porque a gente acha, as vezes, que tá fazendo uma grande coisa e, a gente vai lá e vê que tem gente fazendo uma coisa muito mais louca. É isso que eu acho massa de sair de Pelotas. É sair dessa bolha, porque aqui tem gente que eu vejo sempre, têm artistas daqui, tem a cena artística daqui, e, às vezes, é meio limitado e eu acho que, pro tamanho que a cidade tem, é muito massa que tenha tanto rolê. Mas também não dá pra achar que o mundo todo é isso aqui, né.

VANESSA - Queria entender um pouco como funcionou pra vocês enquanto estudantes da Ufpel, trazer a discussão da rua pra dentro da universidade? E se, já havia esse interesse de fazer esse diálogo, entre a universidade e a rua?

MAZU - Pra mim chegou muito com a identificação do que eu tava fazendo como uma pesquisa, né. Porque, quando eu me tornei bolsista de iniciação, eu mostrei meu projeto, mas eu ainda não conseguia identificar nenhuma questão nele. A única questão era a história das mulheres, que eu queria mostrar na rua. Então, quando eu mostrei aquilo pra galera, que tava no mestrado, que tava me dando suporte nessa bolsa, eles começaram a me passar referências sobre errância, que seriam as caminhadas na rua ou como você explora esse espaço urbano. E aí um novo universo se abriu pra mim! Então, a partir

MARIZINHA - Dentro da universidade, eu tive muita dificuldade de me expressar por uma limitação minha. Ter dificuldade de fazer uma pesquisa acadêmica com o que eu tava pensando. Eu sou uma pessoa muito desorganizada e eu percebo, que eu me sabotei em vários momentos, tendo a oportunidade de fazer coisas legais. Então dentro da universidade eu não cheguei a mostrar muito dos trabalhos, que eu gosto muito! Não tive um diálogo com professores, que poderia ter sido bem legal. É uma coisa que eu penso em melhorar, quando eu voltar para me formar, porque acho que existe um espaço, só ele não é tão fácil de acessar quanto a gente espera, ou não é tão óbvio! Mas eu acho que é uma coisa que vale a pena, porque é uma ponte, né. Entre o mundo ali da bolha, da universidade, com o que tá acontecendo fora. Acho que tem que existir mesmo essa troca, do contrário não faz muito sentido, na minha opinião.



7belo. marizinha

BELLA - Eu ia comentar que tem muito disso. Eu, particularmente, faço uma produção, que às vezes parece que não se encaixa. E eu sei que têm coisas que se encaixam, porque tem conversas que eu saio pensando "Uau era isso, era sobre isso!", mas na real é que tem uma galera que nem para para ouvir! Então, mais uma vez, a hostilidade tá aí. As pessoas não tão

com braços abertos, elas não querem te receber e, muitas vezes, elas não querem te ensinar numa instituição de ensino! É bastante problemático. As vezes, eu me sinto bastante não recepcionada por parte de pessoas da própria equipe docente e discente. Eu acho que, têm professores que não botam fé ou que nem param para escutar e muitos alunos que não incluem no seu papo. É foda, porque a graça é a conversa! Essa coisa que você disse, que é muito chato só postar uma coisa no Instagram. Se fosse sobre isso, eu não tava fazendo faculdade, e aí você tá lá e você só quer trocar uma ideia, quer mostrar uma parada e a galera menospreza. Tipo "Eu não quero que você bata palma, eu quero trocar uma idéia, sabe?" e tem gente que não tá afim, só quer inflar o próprio ego.

VANESSA - Eu acho que tem algumas situações que circundam isso, e eu acho bem importante a gente falar sobre isso aqui, nessa entrevista, porque a gente sabe que vários colegas e professores leem a revista. Tem um conflito geracional em primeiro lugar. Eu acho que têm umas pessoas que têm um conflito com a nossa geração, às vezes gera um bloqueio de algumas pessoas à mudança. Por exemplo, na minha pré banca de TCC eu escutei um professor falar o seguinte "Na minha época eu nunca imaginaria estar vendendo um TCC, falando sobre o que você está falando." e eu pesquisei sobre o erótico, então, tem toda, também, uma pegada feminista. Então, eu acho que quando a gente vê que existe a barreira e que não é tão receptivo, principalmente vocês que são mais da prática do que eu que sou mais da pesquisa, eu acho que é aí mesmo que a gente tem que seguir. Porque como a própria Mari falou "Não tem muita mina fazendo graffiti!" E é real, porque eu pesquisei e perguntei para várias pessoas e quando eu olho para cena de Pelotas, eu não vejo uma mina que faz graffiti. Então, eu acho que você tem que insistir sim, em levar esses assuntos que você curte e os seus trabalhos para uma pesquisa, pois a pesquisa é um registro, ela é bem importante. Então, é também uma forma de territorializar o rolê,

é uma reafirmação do seu trabalho e da maneira como você vê o mundo.

MARIZINHA - Isso me remeteu uma conversa, que aconteceu em uma semana acadêmica, e cada um dos convidados fazia seu trabalho, na academia ou na rua, e outro no meio comercial. E isso é interessante! Eu já tentei fazer uma coisa acadêmica e eu parei, porque eu pensei "Será que precisa mesmo?". E acho que tá tudo bem, eu acho que tudo é válido. Agora, eu não me cobro tanto com isso, apesar de saber que não dá para ter, também, a cabeça dura e ter preconceito, como eu tinha. inspirada, e me senti uma formiguinha em vários sentidos. E isso é muito bom! Isso restaura a nossa vontade de produzir! Porque a gente acha, as vezes, que tá fazendo uma grande coisa e, a gente vai lá e vê que tem gente fazendo uma coisa muito mais louca. É isso que eu acho massa de sair de Pelotas. É sair dessa bolha, porque aqui tem gente que eu vejo sempre, têm artistas daqui, tem a cena artística daqui, e, às vezes, é meio limitado e eu acho que, pro tamanho que a cidade tem, é muito massa que tenha tanto rolê. Mas também não dá para achar que o mundo todo é isso aqui, né.

BELLA - E estando na rua ou estando na pesquisa, é sempre difícil, né!

VANESSA - Eu acho que a gente tem que se ancorar. Eu vejo isso no grupo de pesquisa que eu participo, ter um diálogo com os colegas e se ancorar. Porque se os professores não estão ajudando, você vai atrás de outras referências para fazer seu trabalho acontecer e, talvez, você consiga até registrar isso no seu trabalho. Falar que não foi tão fácil pesquisar isso, porque eu tive que buscar referências em tais lugares, de tais formas, buscando outras estratégias, que talvez um meio mais acadêmico não me deixou enquadrar muito, né!

RAFA - É, e de alguma forma tanto a arte na rua, quanto dentro da academia, trazendo essas referências de rua e, enfim, outras formas de fazer, né! Elas vão ser sempre um embate com esse grande sistema, que a gente sabe, que não é nem um pouco feminino e feminista, principalmente! E essa coisa que a Bella comenta, também, da hostilidade, ela é real, em todos esses aspectos e por isso que é tão ruim e difícil. E, muitas vezes, é ruim porque na universidade a gente não encontra essa parceria, que não seja só dos nossos amigos. É muito triste estar tentando propôr uma coisa nova, propôr uma atualização disso e tipo "Não quero mais ver pintura europeia!", mas a gente segue nessas. E quando quer apresentar uma coisa nova, é forçoso e é difícil. A gente acaba entrando nessa jogada de acreditar que o que a gente faz não é arte, e é uma grande roubada. E ter que fazer toda essa reversão sozinho, sem esse abraço dos professores, é muito difícil, né!

VANESSA - Tem gente que já tava fazendo esse rolê, antes da gente, e a gente tá fazendo esse rolê para outras pessoas, que vem depois. Por isso que é muito importante a gente insistir!

GUSTAVO - Tem esse rolê de virar uma religião, né, as artes, e você tem que seguir todas as regras para ser aceito. Você tem que ser dessa religião e aí tem que falar a linguagem, tem que ouvir as músicas e tem que ser o conceito de arte. Senão, não vale! Não é o que a galera quer. E a próxima pergunta é sobre o trabalho, sobre dinheiro e sobre o mercado de trabalho. A gente quer saber como vocês enxergam, que a arte de rua encontra essas questões e como ela pode ser usada como um ganha-pão? E como vocês lidam com essas questões, de trabalho e dinheiro, relacionado ao trabalho de vocês?



site specific na Galeria da Brahma.
lambe-lambe sobre as Maes de Maio.
mazu. 2018

MAZU - Bom, é bem complicado pensar como o lambe-lambe, né, sendo já papel e cola, como que eu vou ganhar dinheiro com isso? Se saísse do campo das artes e fosse talvez, pro campo de design de interiores ou até mesmo da decoração, talvez encontraria ali, né! Mas, atualmente, já pensei nessa possibilidade, mas não me aprofundei, porque eu gosto também, de estar utilizando a técnica do lambe-lambe, pensando essa questão da resistência. Pra mim, ainda não coube estar utilizando dessa técnica pra estar tirando algum retorno financeiro, mas é super possível! Mas eu vejo como uma saída, de estar buscando um ganha-pão nas artes. Até

mesmo com esse projeto, inscrevendo ele em editais de financiamento.

Porque é muito difícil pensar uma outra possibilidade, porque tenho muitas vontades de trabalhar também, com SESC, né! Nossa meu sonho! Ainda mais agora nesse contexto de pandemia, parece que as únicas coisas que ainda restam são alguns editais. Todas essas casas de cultura, todas elas, estão fechadas a maioria e as portas, também se fecharam muito as oportunidades dos artistas estarem sobrevivendo com isso. Atualmente, eu tô trabalhando com vendas numa coisa nada a ver com a minha formação, que tá sendo meu ganha-pão. Vamos ver se eu consigo voltar pra tatuagem, que é também, uma forma que eu tava sobrevivendo, com arte no caso. Mas é isso, basicamente espero conseguir um edital em breve.

MARIZINHA - Continuando o que a Mazu falou sobre editais, eu acho que realmente, é um dos caminhos que a gente tem como artista, com certeza! Mas tem uma coisa que me deixa com um dilema moral. Por exemplo, eu recentemente passei num edital e de onde vem o dinheiro, desse edital? De uma empresa gigante e eu odeio isso, sabe! E, ao mesmo tempo, eu tô ali dependendo daquilo, então isso me deixa incomodada, só que eu também não tô numa posição que eu possa escolher. Eu não tenho tantas opções pra rejeitar essa oportunidade. Mas é uma coisa que me deixa desconfortável e continuando, assim como a Mazu, antes da pandemia eu já estava trabalhando com outras coisas, outras formas de ganhar dinheiro, nada a ver com arte. E, depois da pandemia, eu fiquei desempregada e comecei a entregar lanche, e aí é massa isso! De andar pela rua de noite e levar lanche pra pessoas! E eu acabei conhecendo um artista, que é fotógrafo, e, também, entrega lanche e ele tá expondo numa galeria essas fotografias que ele tira no trabalho, sabe? Muito massa o trabalho dele e ele é totalmente periférico. Então muito legal como tu pode transformar uma coisa do teu cotidiano, em uma coisa que faz parte do teu trabalho, mas não

esquecendo, também, que o artista é um ser humano. Não dá pra romantizar a pobreza! Não sei como eu vou trabalhar depois que me formar, se eu vou encontrar uma área, mas coisas que me deram dinheiro, na área da arte foi trabalhar como assistente de fotografia ou projetos do cinema. Ser assistente de fotografia, em projetos de fotografia e ao ser assistente, eu aprendi muito estando ali e, de certa forma, eu tava trabalhando com arte. Ajudando numa equipe e vendo que trabalho em equipe existe, sabe! No meio das artes, a gente esquece muito disso. Eu acho que, coletivos e coisas assim são um caminho pra gente poder se organizar e ganhar dinheiro, sabe! De alguma forma, produzindo coisas, se unindo com design também é uma coisa que ajuda a gente. Então têm caminhos! Só que às vezes não são tão rápidos assim.

que a Mari também comentou, do projeto lá da caneta, que isso é super importante, porque a gente precisa começar de algum lugar. A gente não precisa ter dez mil reais ou mil reais pra fazer uma obra de arte. Não precisa disso. Então a gente pode começar com o básico mesmo. Basta ter a ideia ali.

GUSTAVO - É a ansiedade do artista, né! Sempre que eu ouço sobre isso já bate o desespero, porque todo mundo que faz arte tem esse desespero, assim, de não ser herdeiro, porque quem é herdeiro vai conseguir um trampo, né! Independente do que faz, mas a gente tem que fazer o nosso.

VANESSA - E a arte nem sempre é um ambiente ético, né! Como diz a Bella, é um ambiente hostil.

oficinas de lambe-lambe. mazu. 2019



MAZU - Eu acho que é assim, vá e faça, né! Porque acho que é o mais importante, porque a gente tem que começar de algum lugar, fazendo alguma coisinha e, a partir daí, isso vai crescendo, vai dando continuidade. Pra quem tá começando e tem ideia de ir pra rua, vai! Começa caminhando, partindo dessa caminhada, vai anotando, o caderninho é de lei, né! Pra gente estar sempre anotando as ideias e desenhos, e tudo mais, isso ajuda muito pra estar desenvolvendo ideias e projetos. E pra rua também a mesma coisa. O importante é fazer e faça você mesmo, que foi uma coisa

BELLA - Agora, a gente vai deixar um espaço pra vocês divulgarem os próximos projetos ou indicarem alguma parada, projeto de outra pessoa, e, se vocês quiserem, deixar um recado pra alguém, que tá começando e querendo pensar a rua, ocupar a rua ou querer ser uma mulher em ambientes hostis, o que vocês diriam?



bar. marizinha

MARIZINHA - Sobre ser uma mulher em espaços hostis, é só ver as pessoas te polirem e se tu ficar esperando que alguém te chame, ninguém vai chamar, sabe? Então acho que tem que ser chata mesmo às vezes. Não é se expor e sim, tentar fazer uma coisa fora da tua zona de conforto, com alguma amiga ou com alguém que tu confie. Começa aos poucos, mas não desiste, porque às vezes são nóias, e quem não arrisca não petisca, sabe? Se tu não tentar, tu nunca vai ver como se sente. Então, é importante se tu tem vontade, tem que experimentar uma vez e ir ganhando confiança aos poucos.

VANESSA - Ai gurias, que massa! Foi muito prazer estar com vocês. Queria agradecer muito, e é sempre produtivo e provocador. E agora, a gente sai pensando mil coisas e dá muita vontade de sair pra rua, já que todo mundo tá cansado de estar em casa.

RAFA - Que legal, agradeço também, super! A conversa e todos os pontos que levantamos, acho que sempre acrescenta um pouco. Tanto ver o trabalho de vocês, tanto ouvir vocês falarem sobre o trabalho e todas essas questões, que são muito

pessoais e também, são muito coletivas. E é legal quando a gente consegue encontrar esses atravessamentos.

MAZU - Bom pessoal, eu queria agradecer vocês. Nossa que saudade, ver vocês dá muita saudade de Pelotas e de tudo, dos rolês, da faculdade e foi muito bom! Agradeço demais o convite! E é isso, como eu tava nesse momento “parada”, todas essas conversas me dão muita vontade de voltar com tudo. Ao mesmo tempo que eu falo “Galera tem que fazer！”, é pra mim, também, que eu to falando. Então, muito obrigada mesmo! É muito importante pra mim, como artista, estar trocando essa ideia com vocês e com a Mari. A gente é colega da faculdade, mas assim, estar conversando justamente, sobre espaço urbano e as mulheres é muito bom! Obrigada, foi um baita aumento pra mim.

MARIZINHA - Também agradeço muito! Sou muito grata por terem me chamado, não esperava. E é massa poder falar, eu falo muito pouco dos meus processos e é legal, que alguém quer saber e poder falar, sabe? E massa rever vocês e como a Mazu disse, né, é isso! Muito legal, obrigada mesmo!



católica. marizinha

PEQUENO MEMORIAL SOBRE O GRUPO
DE PESQUISA MULTIDISCIPLINAR
“ARTEFATOS PARA LEITURA E CONSTRUÇÃO
DO PEQUENO TERRITÓRIO”



[IGOR ALMEIDA]

Reunindo pesquisadores de diferentes áreas e com particulares interesses a equipe permanente conta com 14 pesquisadores, dos quais 9 doutores (Adriane Borda Almeida da Silva, André Winter Noble, Cynthia Farina, Daniel Albernaz Acosta, Edgar Rodrigues Barbosa Neto, Gabriela Kremer da Motta, Helene Gomes Sacco, Lislaine Sirsi Cansi, Renata Azevedo Requião - coord.), e 5 mestres (Ana Paula da Silva Maich, André Barbachan Silva, Guilherme Rodrigues de Rodrigues, Jonas Machado Rodeghiero, Marcelo Castro da Silva Maraninchi), além de 1 pesquisador doutor estrangeiro (prod.dr. Michel Peterson), e com 16 estudantes entre graduação (Dara de Moraes Blois, Dheivison Araújo da Silva, Eduardo Toledo Silva, Evelin Nascimento Lima, Guilherme Toledo Fuentes, Igor Vinícius Soares Almeida, Jingfang Yu, Luka de Vargas Rosa, Matheus Augusto de Souza Matos, Pablo Rosa Mendes, Paola Wickboldt Fredes, Vicente Fantini de Lima, Yuki Ynagaki Escate Zarate), e mestrado (Felipe Dias Diaz Carvalho, Jessica Porciuncula, José Paulo Portela Alves). O GRUPO DE PESQUISA MULTIDISCIPLINAR ARTEFATOS PARA LEITURA E CONSTRUÇÃO DO “PEQUENO TERRITÓRIO”, vinculado ao campo das Artes Visuais Contemporâneas, se propõe a estudar as estratégias, expressivas, cognitivas, e políticas, dos homens na construção de si mesmos, de seus lugares, aqui nomeados “pequenos territórios”, e dos objetos criados, aqui nomeados “artefatos”. Agricultura (GERMINAÇÕES; FOLIAR; MOVIDA PENSANTE; FARTA COLHEITA; QUITANDA DE BANCAS; DO JOIO E DO TRIGO).

artefatos para leitura & construção do P E Q U E N O T E R R I T Ó R I O



Tendo foco na formação do pensamento, no debate intelectual, aquele que se dá considerando criticamente a contemporaneidade em que vivemos, buscando no passado a história viva que permite compreender o presente, o Grupo está estruturado a partir de duas linhas de investigações.

INVESTIGAÇÕES TEÓRICAS EM TRÂNSITO: PROPOSIÇÕES.

Discussão comparativo-conceitual, multidisciplinar, visando a embasar as práticas poéticas e as proposições de todos os pesquisadores. A partir de viés crítico, esta Linha pretende subsidiar teoricamente as discussões implementadas pelo Grupo, estimular a escrita de textos bem como sua publicação, buscando novas formulações discursivo-retóricas.

O ensaio crítico-reflexivo é sua base, no encontro com uma abordagem complexa da contemporaneidade, incluindo novas categorias crítico-conceituais.
PALAVRAS-CHAVE: categorias conceituais; discussão crítica; ensaio reflexivo; multidisciplinariedade.

[JESSICA PORCIUNCULA]



[MATHEUS MATOS]

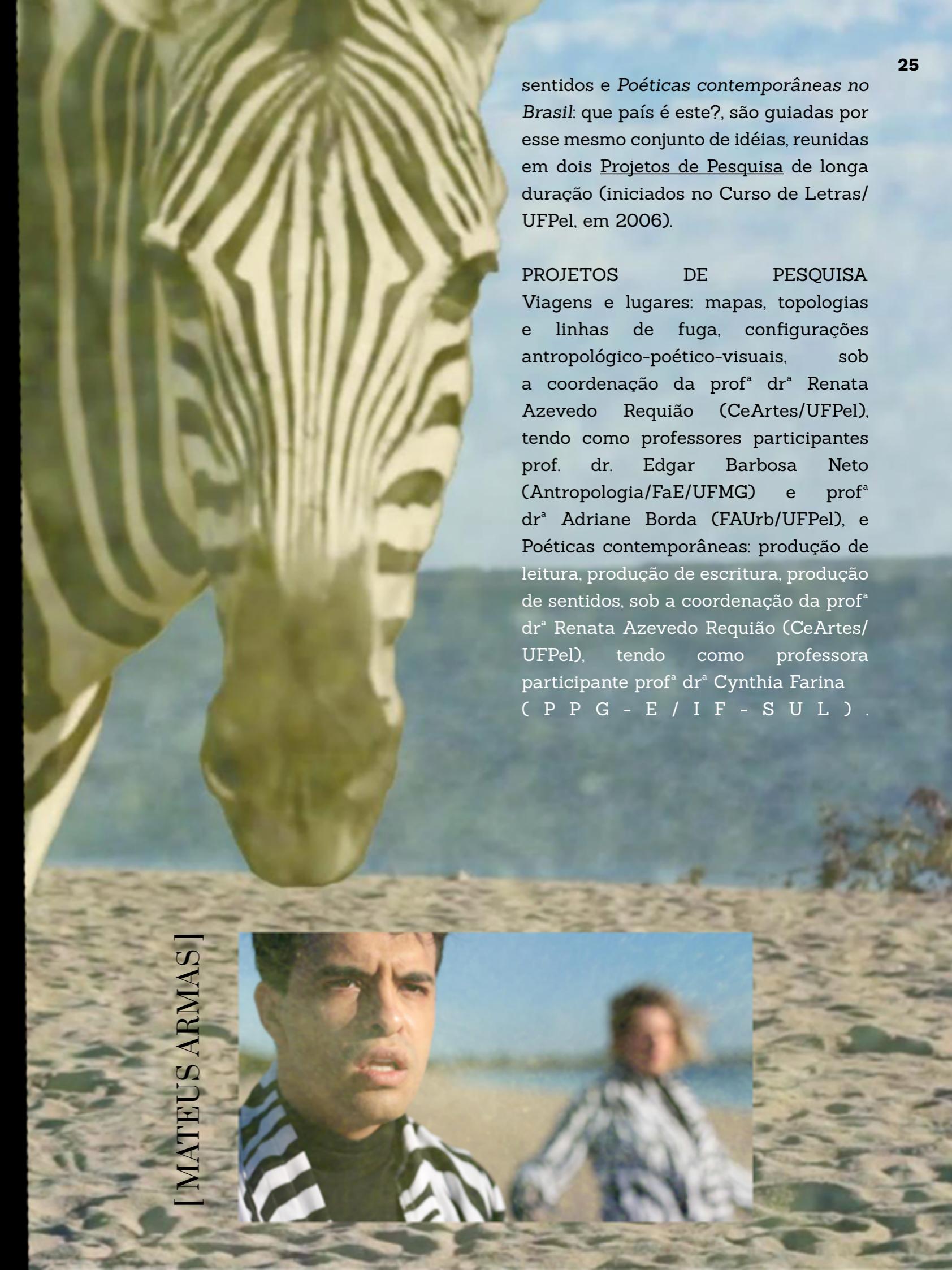
[JOSÉ PAULO PORTELA]



Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano. Investigações no pensar e no fazer da arte visual contemporânea, articulada a um pensamento crítico, enfocando o cotidiano do processo de criação, e as dimensões poéticas da produção (materialidades, configurações, articulações, linguagens, recortes do real, estratégias de significação, referências,...). Ênfase nas relações entre as artes visuais e as demais artes e demais campos do conhecimento, e em sua articulação com a vida cotidiana e o contexto (a política, a ética e os limites da linguagem).

Palavras-chave: leitura crítica; experiência no espaço; poética visual; cotidiano; território de utopia; processo de criação.

Em 2019, a prof^a reuniu na galeria A sala, do CeArtes/UFPel, em co-curadoria com alunos e ex-alunos (Daniel Higa, Gabriela Costa, Jessica Porciuncula, Lislaine Cansi, Stela Kubiak), a produção de alunos, nas disciplinas e na orientação, ao longo de dez anos de trabalho, na exposição *pequenas utopias: territórios de conquista*. As discussões e as orientações, bem como as disciplinas da graduação, *Técnicas de Leitura e Produção de Textos* (1º sem.), *Produção Textual em Artes* (2º sem.), *Análise da Produção Artística* (5º sem.), e *Ateliê da Palavra Escrita* (7º sem.), e as da pós-graduação, *Percursos, narrativas, descrições: mapas poéticos, A leitura crítica: produção de leitura, produção de escritura, produção de*



[MATEUS ARMAS]

sentidos e Poéticas contemporâneas no Brasil: que país é este?, são guiadas por esse mesmo conjunto de idéias, reunidas em dois Projetos de Pesquisa de longa duração (iniciados no Curso de Letras/ UFPel, em 2006).

PROJETOS DE PESQUISA

Viagens e lugares: mapas, topologias e linhas de fuga, configurações antropológico-poético-visuais, sob a coordenação da prof^a dr^a Renata Azevedo Requião (CeArtes/UFPel), tendo como professores participantes prof. dr. Edgar Barbosa Neto (Antropologia/FaE/UFMG) e prof^a dr^a Adriane Borda (FAUrb/UFPel), e Poéticas contemporâneas: produção de leitura, produção de escritura, produção de sentidos, sob a coordenação da prof^a dr^a Renata Azevedo Requião (CeArtes/UFPel), tendo como professora participante prof^a dr^a Cynthia Farina (P P G - E / I F - S U L) .

BASE REFLEXIVA

Toda a reflexão de pesquisa, com temas associados, tem como base teórica o pensamento discursivo-literário de *Franz Kafka, um antecipador de nossa contemporaneidade, e o pensamento teórico-reflexivo de *W. Benjamin, *G. Agamben, *M. Blanchot, *R. Barthes; e de teóricos da nova filosofia francesa (entre outros).

Temas destacados: a produção poético-visual e a construção da realidade; o lugar criado (entre o privado e o público); o processo poético-crítico-contemporâneo de criação e de produção de sentidos; a construção do “pequeno território” e a potência da criação; o processo homem/lugar na construção do “ateliê de si”; o território da página escrita; escrita como biografismo; aquisição da linguagem e a expressão do próprio corpo; leitura e cognição (semiótica percepтивa);

linguagem e limites da expressão. Áreas: Arte Contemporânea; Literatura e Outras Poéticas; Literatura Brasileira Contemporânea, com ênfase em: poesia dos anos 70 aos 2010; poesia concreta; Ana Cristina Cesar; Paulo Leminski; João Cabral de Melo Neto; Oswald de Andrade; Clarice Lispector; Osman Lins; Sergio Sant'Anna; Aldyr Garcia Schlee; Vitor Ramil; Arte e Loucura (Arthur Bispo do Rosário); Literatura Infantil (o livro infantil; a leitura; imagem e palavra no livro).

FORMAÇÃO

Licenciatura em Letras (dupla habilitação Português/Francês, Língua e Literaturas), UFPel (1988); Graduação em Arquitetura e Urbanismo, UFPel (1994); Mestrado em Letras - Literatura Brasileira, IL, UFRGS (1997), prof. dr. Michel Peterson (ori.), “Leitura caleidoscópica do movimento do livro A educação pela pedra, de JCMNeto”; Doutorado em Letras - Literatura Comparada, IL, UFRGS (2002),

DA

PROF^a

COORDENADORA

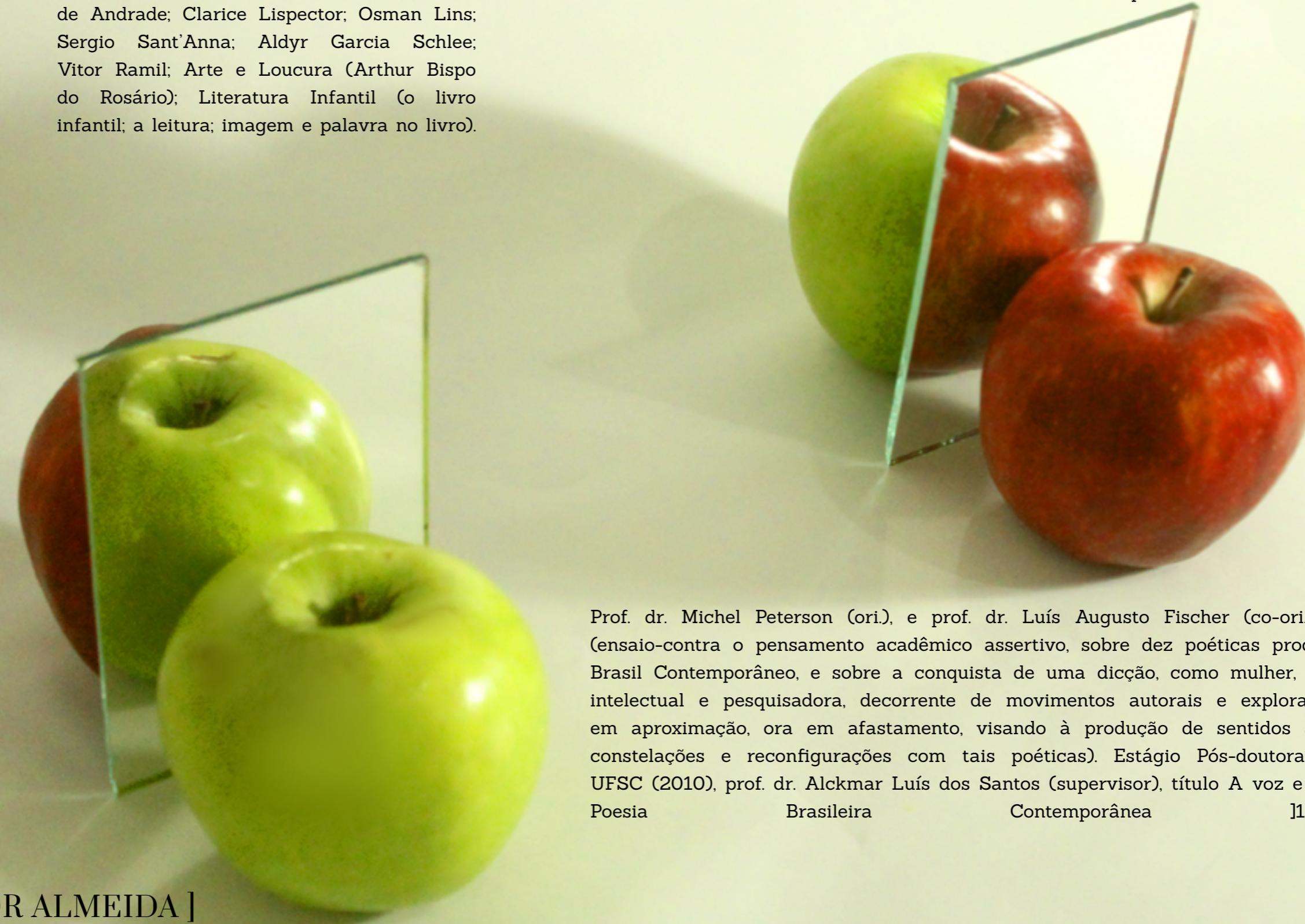
Prof. dr. Michel Peterson (ori.), e prof. dr. Luís Augusto Fischer (co-ori.), Estesias (ensaio-contra o pensamento acadêmico assertivo, sobre dez poéticas produzidas no Brasil Contemporâneo, e sobre a conquista de uma dicção, como mulher, professora, intelectual e pesquisadora, decorrente de movimentos autorais e exploratórios, ora em aproximação, ora em afastamento, visando à produção de sentidos através de constelações e reconfigurações com tais poéticas). Estágio Pós-doutoral, NUPILL, UFSC (2010), prof. dr. Alckmar Luís dos Santos (supervisor), título A voz e a cena na Poesia

Brasileira

Contemporânea

]1970-2010[.

[IGOR ALMEIDA]





lankka WM
ARTISYA



14ABR*th LG

Natural da cidade de Rio Grande, tenho em minha vida o graffiti desde 2008, quando desenvolvia “Stencils”, ensinamento vindo de um grande amigo que cursava Artes Visuais na Universidade Federal do Rio Grande (Furg), daí surgiram meus primeiros contatos com spray e com a rua. Por volta do segundo semestre de 2009, tive a oportunidade de participar de um projeto social que abordava como tema os elementos da cultura Hip Hop, o mesmo me possibilitou aprender muito do contexto histórico e das vertentes dessa imensa manifestação, o projeto contava com o artista “Diego EneTres” como professor de Graffiti.

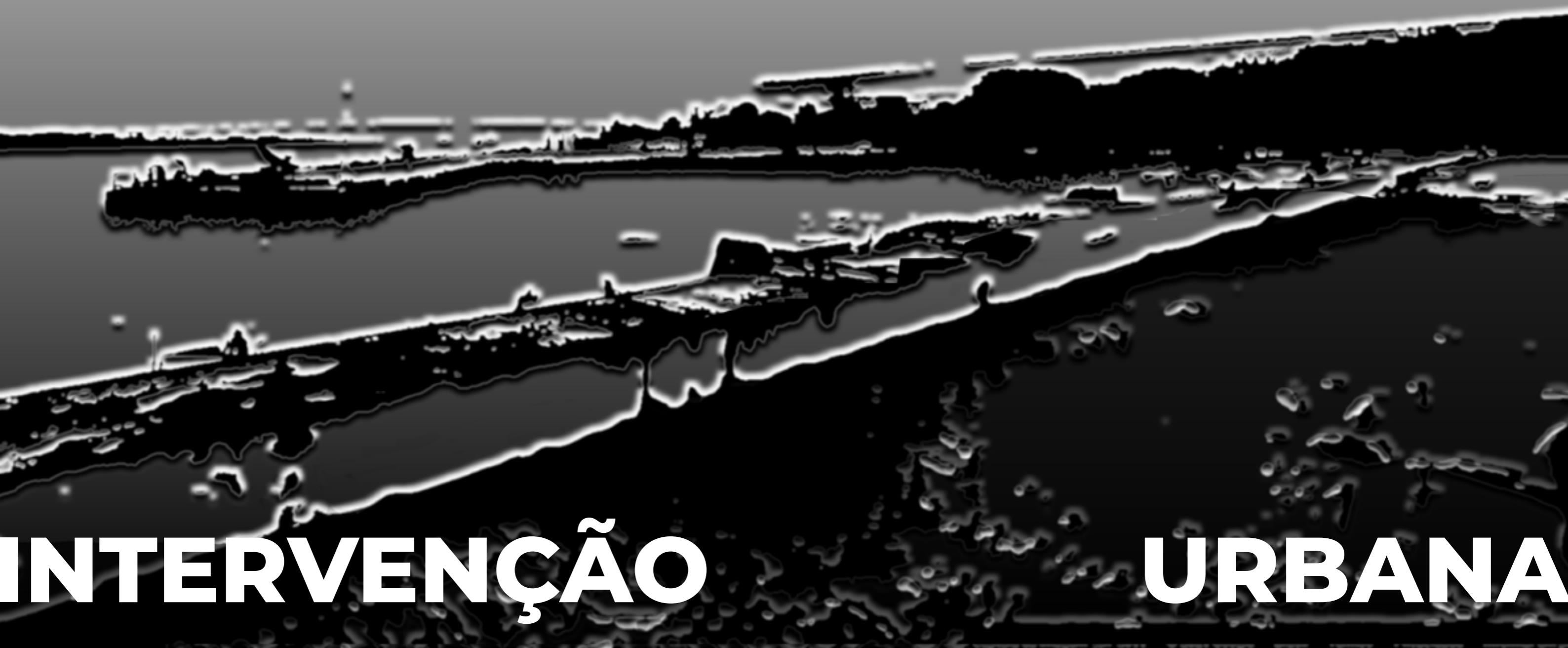
Atualmente prossigo tendo vínculo com a cultura Hip-Hop, mais especificadamente com o Graffiti. Atuando de algumas formas como artista, tanto em produções pessoais como em oficinas, tais como “Mais Educação” (Esc.Est de Ens. F. Afonso Viseu), “Festinha da Árvore” realizado na Casa da Árvore, também em projetos escolares internos. Também represento o graffiti em palestras e eventos de Hip-Hop, normalmente relacionado a causa social. Atualmente participando do Minicurso de Hip-Hop realizado pelo arte-educador e produtor cultural André Dizéro com apoio da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, que visa formar Arte-Educadores da cultura Hip-Hop.





CHAMADA

ABERTA



INTERVENÇÃO

URBANA



CUIDADO VÍNCULOS

SAÍDA

ENTRADA

ACENDOS FABRIS



2.



3.





E SEMPRE VERÃO
QUANDO AS COISAS
QUEIMAM

LCW





ALLU MODAS

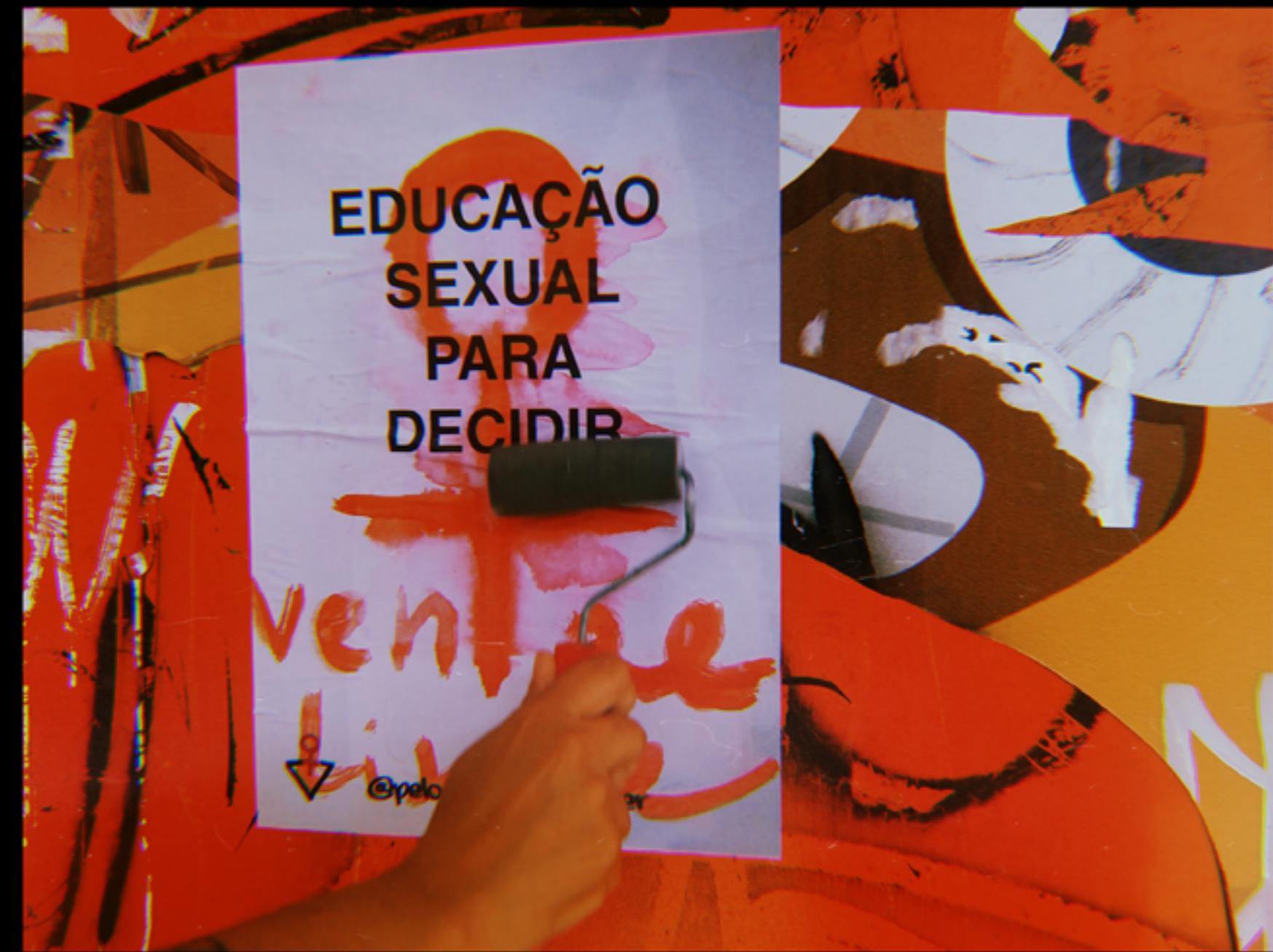
338

338

BOMBONIERE

DOCES E BEBIDAS EM GERAL ACEITAM







1. Sinal&ação, 2021

jose paulo portela
Porto Alegre, RS
@joseportela
portela.josepaulo@gmail.com

3. AUMAA IV, 2019

jahan leão / Pelotas, RS
@jahanleao
leaojahan@gmail.com

5. Sem título, 2021

dogue / Pelotas, RS
@dogue_arts
wesley19972010@hotmail.com

7. Esteio,
Espelho,
2021

camila kohn / São Paulo, SP
@camila_kohn
camilac.kohn@gmail.com

2. que sua luta seja
como a da floresta, 2019

gabriel bicho / Porto Velho, RO
@gabriel.bicho
gabrielbicho@outlook.com.br

4. Casa sem Corpo, 2021

barbara calixto / Pelotas, RS
@itsb4
barbaracalixtods@gmail.com

6. promoção por tempo
limitado, 2021

rafaela bevílaqua / Pelotas, RS
@rafaelabevilaqua_
rafaelabevilaqua3@gmail.com

7. Arrimo,
2021

8. UNIÃO, 2020
g. betim / Rio Grande, RS
@g.betim93
gbetim93@hotmail.com

10. sem título, 2021

victor costa / Suzano, SP
@umpassaroqualquer
victorgacosta2@gmail.com

12. Acordei sangrando,
mas não havia ferida, 2021

manu zilveti / São Paulo, SP
@manu.zilveti
manuzilveti@gmail.com

13. Pelo direito
de Escolher, 2018

ana gonzález / Pelotas, RS
@anap.gonzalez
pereiragonzalezana@gmail.com

14. A Sombra de Tudo, 2021

rogger bandeira / Pelotas, RS
@roggerbandeira
bandeirarogger@hotmail.com

9. ama.mentar im.porta, 2021

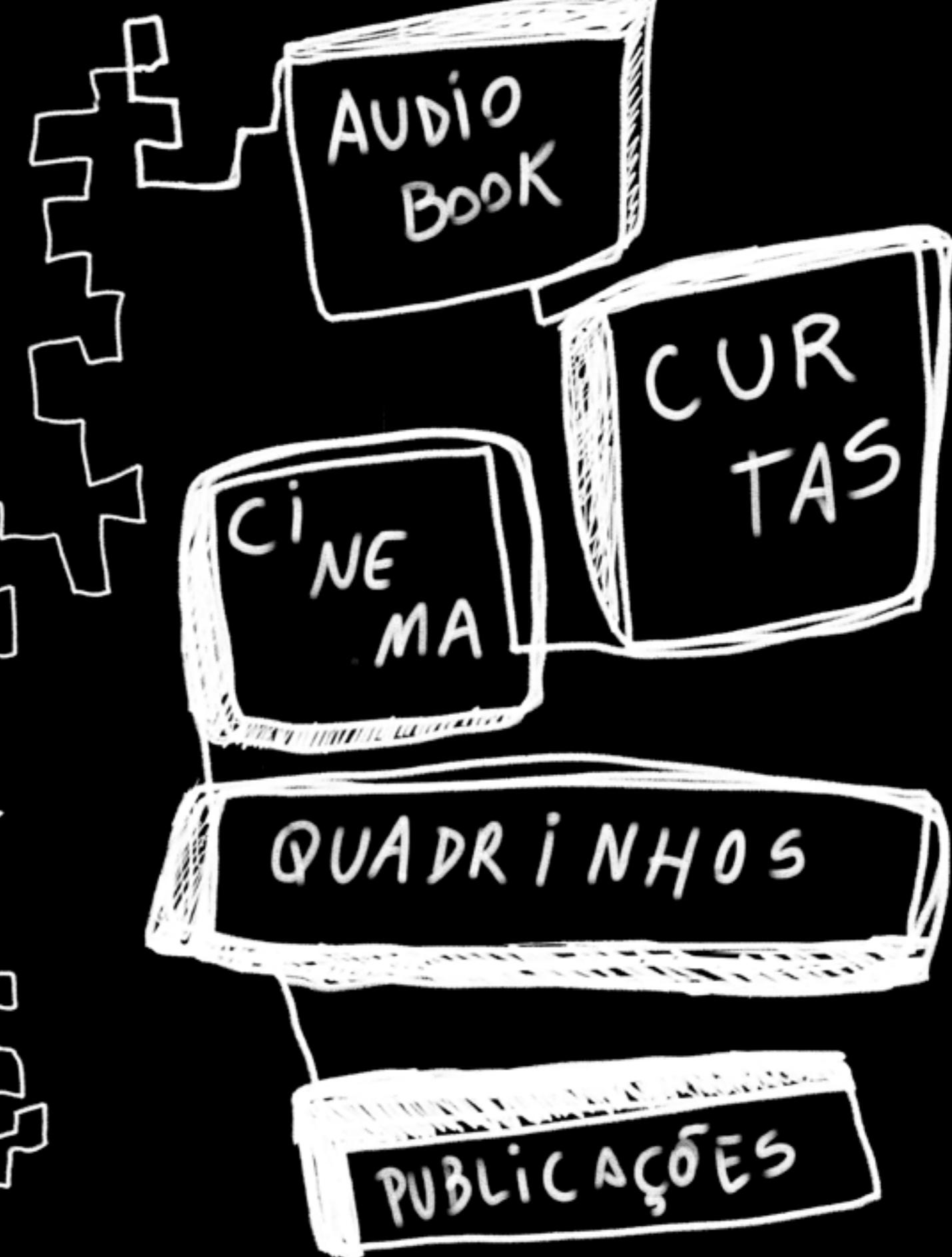
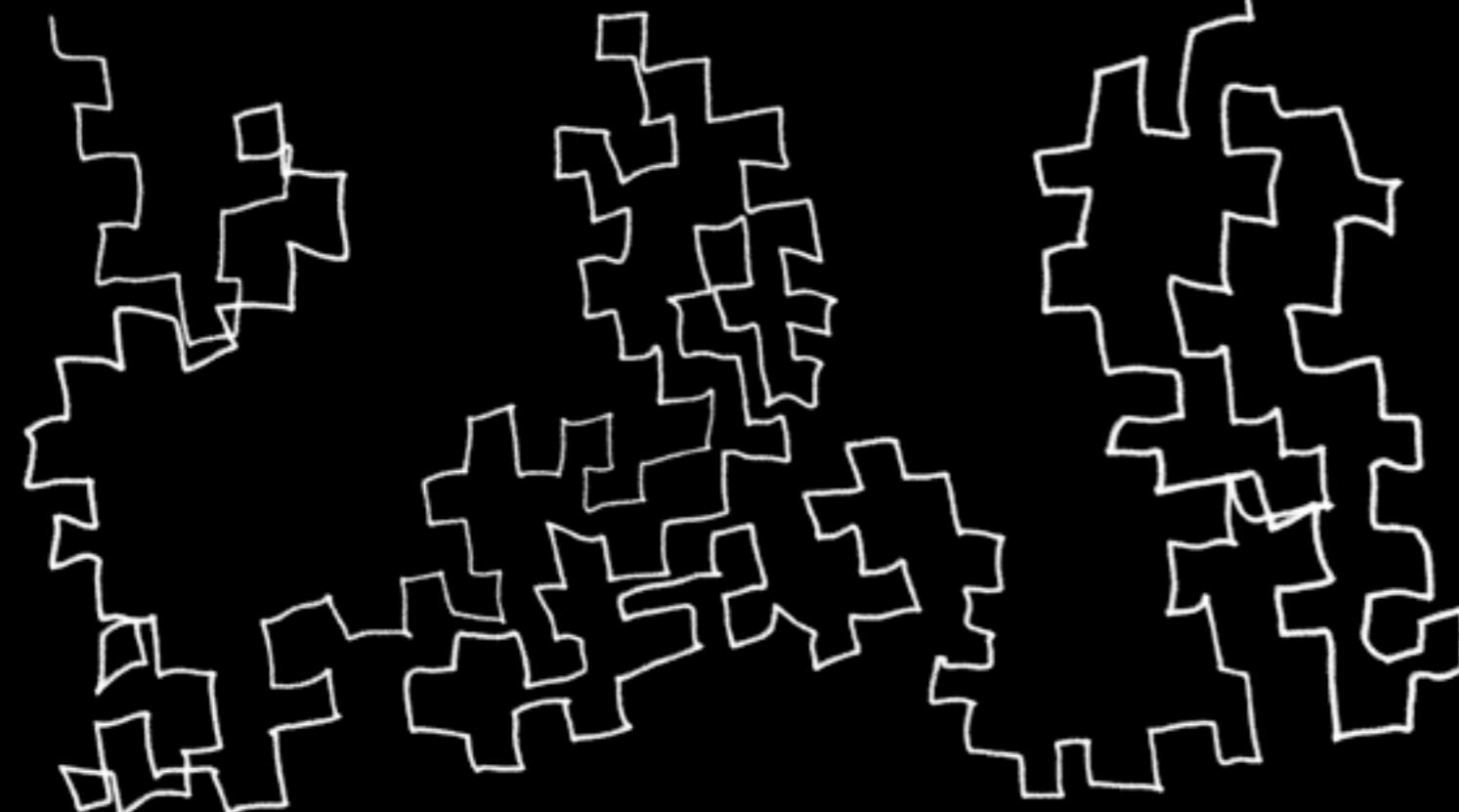
cecília bianco / Resende, RJ
@bau.ink
ceciliabrosas@gmail.com

11. Luz
de Bairro
Prostituição, 2019

tamara crespin / São Paulo, SP
@tams.crespin
tcrespin1999@gmail.com

COLUNA

RECOMENDA





SELVAGEM CICLO DE ESTUDOS SOBRE A VIDA

Selvagem – ciclo de estudos sobre a vida é uma experiência de articular conhecimentos a partir de perspectivas indígenas, acadêmicas, científicas, tradicionais e de outras espécies. Orientado por Ailton Krenak, concebido por Anna Dantes, produzido por Madeleine Deschamps e realizado por um coletivo que envolve parceiros, apoiadores, participantes e público.

Em 2021, Selvagem lança o projeto audiovisual FLECHA, série com vídeos de 15 minutos.

[DISPONÍVEL NO LINK](#)

ZERO4 CINECLUBE

Zero4 Cineclube é um projeto de extensão da UFPel que consiste na exibição de filmes e na realização de debates com o público, promovendo a experiência de reflexão sobre o cinema. A programação é organizada em mostras temáticas que priorizam obras que não atingem o circuito comercial da cidade e se distanciam da visão hegemônica de entretenimento. O intuito é que os(a) estudantes possam discutir a arte cinematográfica com pessoas diversas. Toda quarta-feira são enviadas informações sobre a sessão da semana. E toda terça-feira os filmes são debatidos com um(a) convidado(a) especial. Caso queira participar, é só enviar um e-mail para robertormcotta@gmail.com demonstrando interesse.

[DISPONÍVEL NO LINK](#)

**ZERO4
CINE
CLUBE**



FUN HOME: UMA TRAGICOMÉDIA EM FAMÍLIA Alison Bechdel

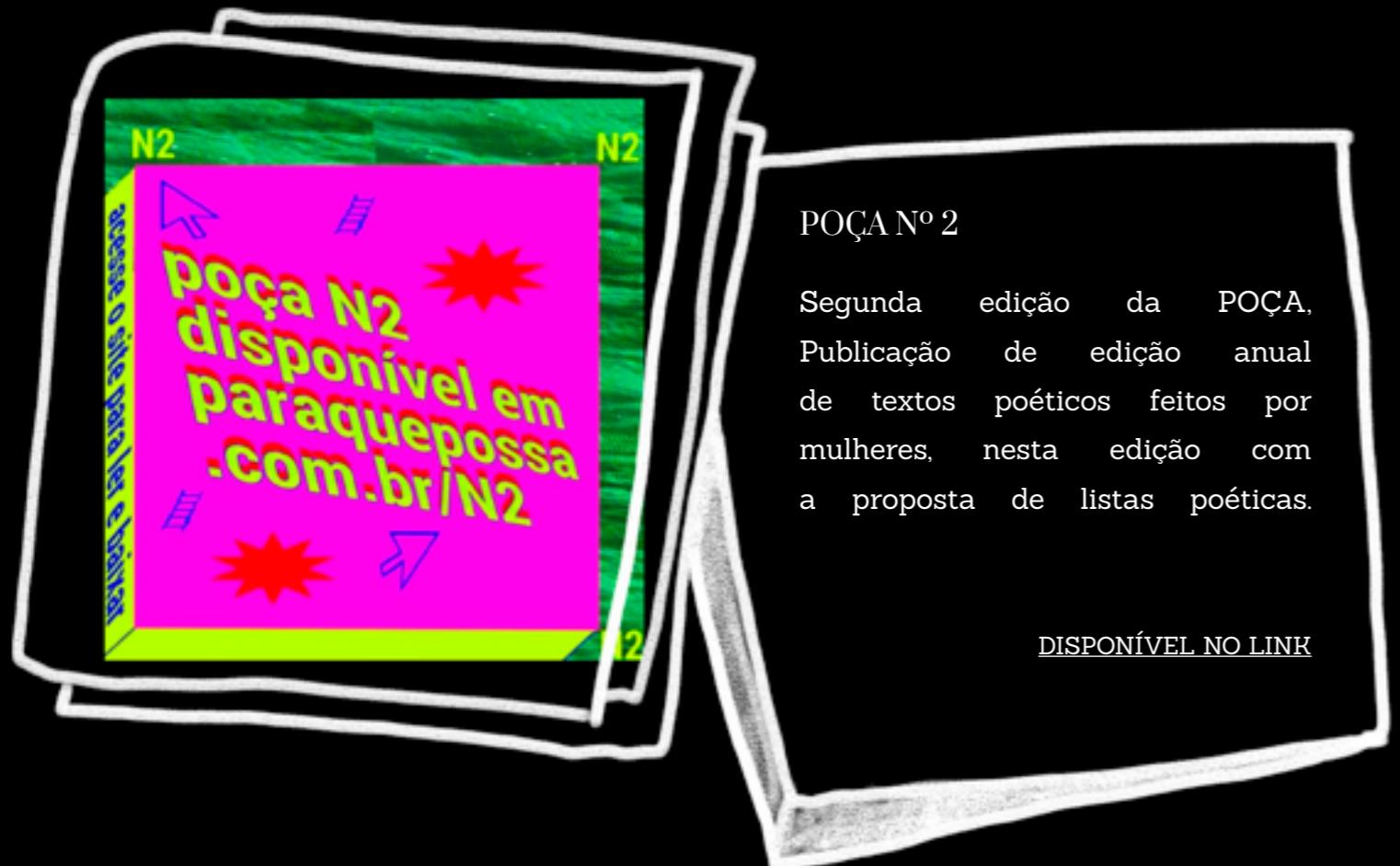
Fun Home é um marco dos quadrinhos e das narrativas autobiográficas, além de uma obra-prima sobre sexualidade, relações familiares e literatura. Um labirinto da memória trazido à tona com graça, humor e a força das maiores realizações artísticas.

ÁGUA DE FLOR (2021)

Curta-metragem para o novo EP Visual de Trevo, Água de Flor. Dirigido por Trevo e Hick Duarte.

[DISPONÍVEL NO LINK](#)





POÇA N° 2

Segunda edição da POÇA, Publicação de edição anual de textos poéticos feitos por mulheres, nesta edição com a proposta de listas poéticas.

[DISPONÍVEL NO LINK](#)

editorial:

Aline Golart
André Gustavo
Bella Kacelnikas
Daniel Higa
Francisco Franco
Gabriela Costa
Icaro Regina
Jackeline Nunes
Matheus Matos
Rafaela Ribeiro
Uma Domênica
Vanessa Cristina

revisão:

Icaro Regina
André Gustavo

design e diagramação:

Bella Kacelnikas
Daniel Higa
Icaro Regina
Uma Domênica

realização:

PET ARTES VISUAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
DEZEMBRO 2021

